

**Ambiente**

Representantes de sete países  
apóiam a posição do Brasil contra a  
internacionalização da Amazônia

# A nossa (nuestra) Amazônia

O chanceler brasileiro Flecha de Lima denunciou uma campanha internacional para impedir que o País explore seus recursos naturais

Na abertura da III Conferência de Cooperação Amazônica, ontem, em Quito, no Equador, o representante brasileiro Paulo de Tarso Flecha de Lima disse que o Brasil recebeu críticas "por estar supostamente destruindo a Amazônia". No entanto, argumentou Flecha de Lima, "o governo respondeu dizendo que essas acusações são parte de uma campanha para impedir a exploração de seus recursos naturais e evitar que o País se transforme numa potência mundial".

A posição do Brasil recebeu o apoio dos chanceleres dos outros sete países participantes da Conferência — Equador, Bolívia, Colômbia, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela. Todos concordaram que os oito países não podem abrir mão da soberania da Amazônia diante de qualquer tentativa de internacionalização da região.

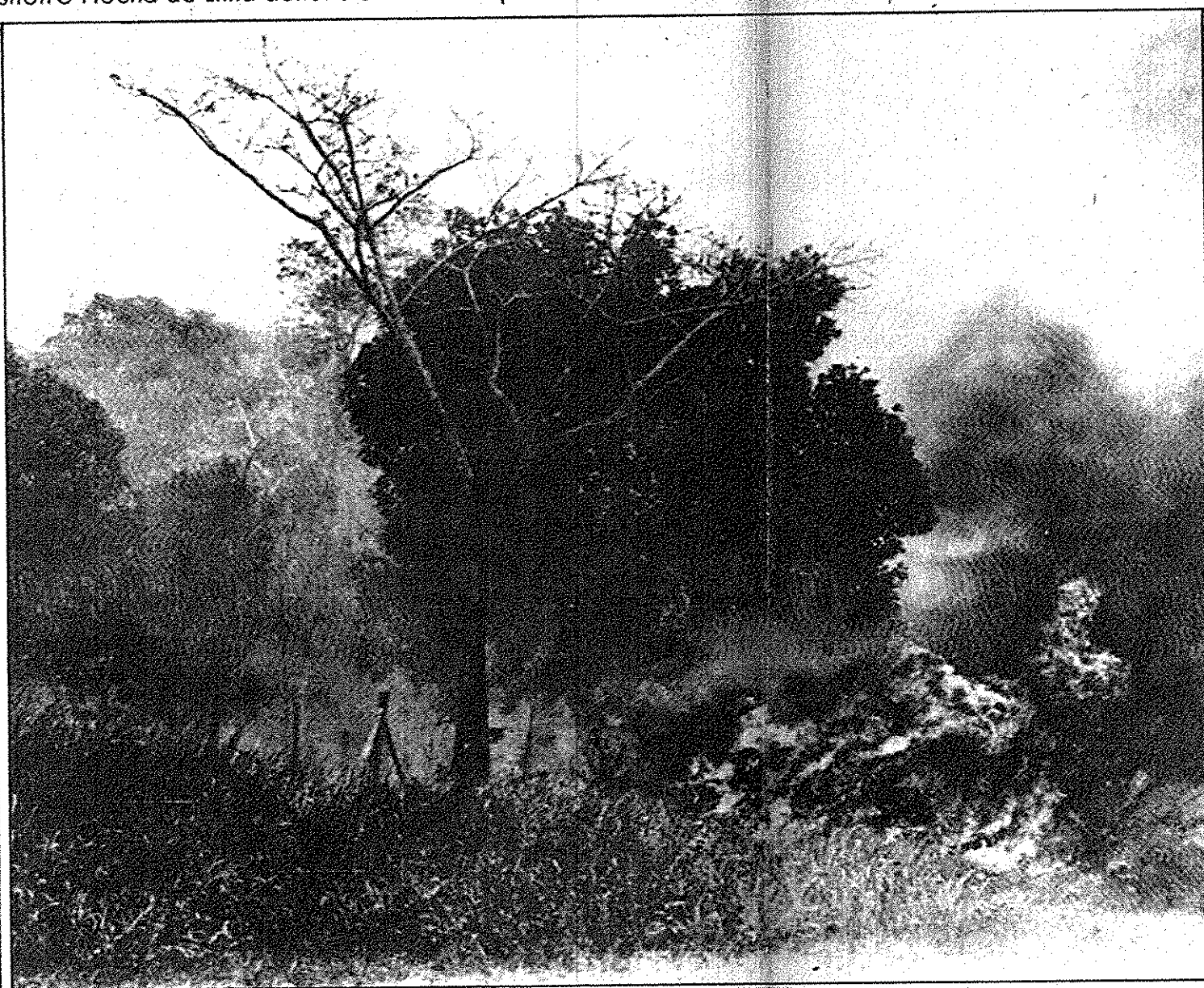
— A defesa da Amazônia compete apenas aos países amazônicos, sem interferências estranhas — frisou o presidente do Equador, Rodrigo Borja, em seu discurso. É inegável que a Amazônia possui uma irradiação universal, admitiu Rodrigo Borja, "mas a solução dos problemas relacionados com ela deve ficar a cargo dos países que compõem essa região".

Afirmando também que o problema ecológico não deve afetar a soberania dos países, o chanceler da Venezuela, Enrique Tejera, ressaltou que "muito se pode fazer em matéria de ciência e de conservação" na região. Já o ministro das Relações Exteriores do Peru, Guillermo Larco, lembrou que "é necessário fortalecer os acordos firmados pelos oito países amazônicos".

A necessidade de fortalecer a unidade entre os países amazônicos também foi citada pelo chanceler do Equador, Diego Cordovez: "através de ações conjuntas poderemos obter um melhor aproveitamento das riquezas existentes na região", afirmou.

Os oito países assinaram em 1979 o Tratado de Cooperação Amazônica, que, segundo o presidente do Equador, "defende a ecologia, a preservação do meio ambiente e o respeito às etnias existentes". A reunião será encerrada amanhã, com a aprovação de documentos elaborados nas sessões de trabalho, que se realizam nos salões do Hotel Capitalino.

E também para discutir questões de ecologia, reúnem-se hoje e amanhã em Manaus os nove governadores da região amazônica, representantes do Conselho de Segurança Nacional, ambientalistas e o presidente do Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita. Estará em discussão o programa "Nossa Natureza", do governo fede-



Para combater as queimadas na Amazônia, o governo brasileiro irá contar com a ajuda de satélites da órbita polar, que darão informações precisas sobre a temperatura do solo. O embaixador Flecha de Lima (à direita, na foto menor), cumprimenta o presidente do Equador, Rodrigo Borja, na abertura da III Conferência de Cooperação Amazônica, em Quito, da qual participam representantes de oito países.

ral. O ecologista e deputado federal Fábio Feldman critica a ausência de parlamentares e de representantes da sociedade civil. "Mesmo assim, o encontro é oportuno", diz Feldman.

As Forças Armadas estão preocupadas com as pressões pela internacionalização da Amazônia e, em função disso, decidiram aumentar sua presença física na região. A necessidade de uma vigilância maior na área será discutida amanhã, durante reunião no Ministério da Marinha, pelos ministros do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, da Marinha, Henrique Sabóia e da Aeronáutica, Moreira Lima, juntamente com o general Ivan Mendes, do SNI, o almirante Valbert Lisieux, do EMFA e o general Bayma Denys, do gabinete militar.

A informação foi dada ontem pelo ministro Moreira Lima, que criticou as reações à construção da usina de Kararaô, no Xingu. O ministro receia que essa pressão internacional "transforme-se logo numa ameaça direta". Moreira Lima acredita que durante a reunião será formalizado um aspecto que os militares julgam importante para a colonização ordenada da região amazônica: "o estabelecimento de núcleos habitacionais, a partir de pelotões do Exército".

E os agricultores da Amazônia que habitualmente ateam fogo na floresta de junho a outubro para aumentar sua área produtiva que se cuidem: o Instituto de Pesquisas Especiais (Inpe) irá comunicar diariamente ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis quais são os pontos de queimadas na floresta. A informação foi prestada ontem, em São José dos Campos, pelo diretor-geral do Inpe, Marcio Nogueira Barbosa.

— O agricultor que atear fogo à mata será apontado por satélites. O governo brasileiro vai agir com rigor para diminuir o tamanho das queimadas na Amazônia e o perigo que a devastação provoca no clima do mundo — garantiu Barbosa. Ele acrescentou que o problema da devastação naquela região "está sendo estudado com muito rigor pelo governo brasileiro, que tem muito mais interesse em preservar a área que a comunidade mundial".

Segundo o diretor do Departamento de Sensoriamento Remoto do Inpe, Roberto Pereira da Cunha, a observação da Amazônia será feita por satélites americanos da órbita polar NOAA. Cunha explicou que, através do canal infra-vermelho termal do satélite, o pesquisador poderá obter informações sobre a temperatura do solo da terra, já que "uma queimada eleva e muitos graus a temperatura".